

SONETOS
PORTUGUESES

SILVA CARVALHO

EDIÇÕES AQUÁRIO

Silva Carvalho insistently claims that the event becomes a vehicle for the experience of experience. Writing does not so much present a world as present the sensation of sensation or the experience of experience. This shift substantially alters what we can say about affect (affects can be defined as states of the body experienced as inseparable from the presence of imaginary projection) in poetry. For where romantic and modernist poets still locate affect in the rendering of a scene, Silva Carvalho with his investigative poetical language projects affect as itself the most fundamental of phenomenological states. Indeed one cannot imitate or describe the affects basic to lyric as it has been perceived for a long time because the affects are inseparable from the qualities of the self-consciousness one brings to the events taking place within the writing.

The reality Silva Carvalho composes is not in some world over against the author but in the author's own articulate processes of sensation. That is why authors like him are always already audience. Writing becomes a constant working at the boundary between understanding and misunderstanding or between knowing and ignorance. Moreover because this process controls entire books in successive times and experiences, Silva Carvalho manages to capture the importance of repetition as a concrete index of those feelings which seem fundamental or unresolved or obsessive to him, and, we hope, to his readers as individuals and, most of all, human beings.

-Marcia Newman

SILVA CARVALHO

SONETOS PORTUGUESES

SEGUIDO DE

SONETOS INSUETOS

EDIÇÕES AQUÁRIO

Autor: *Silva Carvalho*

Título: *SONETOS PORTUGUESES*

Direitos reservados para a língua portuguesa:

© Edições Aquário

Editora: *Edições Aquário*

edicoes_aquario@hotmail.com

Autor: silvacarvalho@hotmail.com

Site: <http://www.silvacarvalho.com>

OBRAS PUBLICADAS

Poesia

(em português)

SUOR DO TÉDIO (1969) Edição do Autor
MEMÓRIA DO PRESENTE (1977) Brasília Editora
CANÇÕES (1978) Edição do Autor
ASSIM (1979) Brasília Editora
ESSAS VOZES (1983) Quatro Elementos Editores
ANTES O PARAÍSO (1985) Black Sun Editores
75 SONETOS (1985) Solcris Editora
AO ACASO (1986) Brasília Editora
SETEMBRO (1987) Solcris Editora

PENTALOGIA AMERICANA:

DA ESTUPIDEZ (1988) Brasília Editora
ADIVINHA: ESTILICÍDIO E ENCICLIA (1989) Brasília Editora
NEM PROSA NEM POESIA – OUTRA COISA (1990) Brasília Editora
EM QUESTÃO (1991) Brasília Editora
O PRESENTE, A PRESENÇA (1992) Brasília Editora

A EXPERIÊNCIA AMERICANA AO VIVO (2003) Edições Aquário
CAOS INDELÉVEL INEFÁVEL (2004) Edições Aquário
CYPRESS WALK (2007) Edições Aquário

(em francês)

LES TROIS AGES (1973) La Pensée Universelle

Porética

TRILOGIA PORÉTICA :

O PRINCÍPIO DO ECO (1993) Brasília Editora
TEORIA DA DISPONIBILIDADE (1994) Brasília Editora
CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES (1995) Brasília Editora

MAIS OU MENOS (1998) Black Sun Editores
NEW ENGLAND (2002) Edições Aquário
MEDIOCRIDADE (2003) Edições Aquário
AS ESTAÇÕES (2004) Edições Aquário
TETRALOGIA FÁTICA (2005) Edições Aquário
DÍPTICO MUSICAL (2005) Edições Aquário

Romance

PALINGENESIA (1999) Fenda Edições
O ROMANCE CONTEMPORÂNEO (2000) Tertúlia Editora
QUE ESTUPIDEZ! (2003) Edições Aquário
O RITO DIÁRIO DE UM HIPOCONDRIACO (2004) Edições Aquário

Ensaio

A LINGUAGEM PORÉTICA (1996) Brasília Editora

Ao Fernando Guerreiro

SONETOS PORTUGUESES

His self and the sun were one
And his poems, although makings of his self,
Were no less makings of the sun.

It was not important that they survive.
What mattered was that they should bear
Some lineament or character,

Some affluence, if only half-perceived,
In the poverty of their words,
Of the planet of which they were part.

WALLACE STEVENS

The simulacrum for Deleuze, however, is neither a recent nor a merely cultural event. The simulacrum is not the loss or abandonment of the real; it *is* the real. A force of life becomes by enhancing its powers of variation and its powers of being affected; it takes on a form other than what it is. It imagines or projects what it is not (yet). It simulates: becoming other than itself through the very power of a life which is always more than itself. If literature is a power of the simulacrum it is not because it merely quotes or parodies with no respect for the real; it is because it introduces new simulations, a new expression of the real.

Claire Colebrook

SONETOS PORTUGUESES

PRIMEIRA PARTE

PORTA OU JANELA

Estou aqui, imprevisível, entre quatro paredes,
para lutar. Não sei onde vou. Mas o importante
é ir, lentamente respirando, construindo redes
capazes de trazerem ao Ser a imagem anelante,
o preço real da vida, esta casa onde me vêdes.

Entre o sofrimento e o prazer habito este lar
onde busco um silêncio que revele a essência.
Custa descobrir no acervo de coisas um olhar,
a distância que me separa da clara aparência.
Dói sobretudo ver o mundo como mal a evitar.

Espero merecer a ousadia, querer ficar aberto
como porta ou janela diante da luz universal.
Meu sonho é fazer do alcance o inicial perto
onde possa reconhecer a língua, o aceno vital.

1/2/85

SENTIR

Talvez não seja verdadeiramente a alegria.
Mas sentir é tão refrescante como reviver
uma criança que nunca se foi, rara terapia
onde o poder da morte sorri do medo, lazer
terrível da consciência, pavor da alquimia.

Sentir como nunca se sentiu a nodosa vida,
respirá-la suavemente, saboreá-la nuamente,
um arquejo, um beijo, a ilusão da partida,
o prazer advindo carnal espírito, depascente
luz bruxuleando ao capricho da desmedida.

É possivelmente a alegria. Estar assim, sol
perdido na imensidão do tempo, é como crer
na humanidade do símbolo, no fulvo arrebol
iluminando o azul celeste que se deseja ser.

1/2/85

FOGO SEM ALMA

Um sol meridional dardeja sobre a terra hiemal.
Rima, e com razão. Agora é preciso, ao amarelo,
sacar todo o seu poder genesíaco, esse inaugural
frémite onde o homem se sente desejável anelo,
figura mítica da possessão, da história pessoal.

Mas como? Que saber engendra a necessidade?
Que ignorância dança ao sabor dessa memória?
Que lição se tirou dos séculos onde cada idade
escolhe o tipo de pensamento, a visão ilusória
onde se define o conteúdo duma sensibilidade?

Revoluto astro à deriva, entre a vida e a morte,
zela pela contingência, fogo sem alma, tremor
do universo onde o caos descobre a feraz sorte:
existir em pleno vazio, eco sexual, devastador.

1/2/85

UMA CASA

Por amor, mesmo se incompreendido, aqui
ficar, esquecendo a terra num esforço casual,
o mundo que desespera, a natureza onde subi
ao pleno êxtase quando a hora foi especial:
a consciência da coincidência em que vivi.

Por um inestimável amor, ficar, ver a margem
dos dias passar, sucumbir ao tempo, ousadia
terrível como pressentir que aqui a passagem
colhe da alma outros efeitos, uma nostalgia
onde o passado desdiz a memória, a voragem.

Pode acontecer que tudo expluda, este mundo
como este planeta, mas viver aqui é respirar,
eterno ser seduzido por um sinal vagabundo,
uma casa na confusão do caos, finalmente lar.

4/2/85

A CHAGA

Livre da tensão que é corpo e mundo venho,
sublime, lembrar quem sou: um homem perdido,
assalariado, acorrentado a esta época, de cenho
franzido pelo uso banal do truísmo, despedido
de quanto labor é a derisão a que me atenho.

Encontro trevas, um desgaste inumano, igual
desprezo em que me vejo. Imagem da solidão,
solto risos, salto chamas. Gritos do animal
que sou enclausurado dizem a pulverização.
Nenhum espelho virgem, mas a chaga abissal.

Querer ver não é mais argivo encanto. Edaz
mecanismo da consciência, sofrer o clangor,
viver a morte, suspeitar do espasmo loquaz,
um golpe rompendo o rosto, um olhar de dor.

4/2/85

PARTIR

Estupidamente, sentir é não fazer a viagem.
É perder dentro de si a coragem, o instinto
que perdura na carne civilizacional, aragem
fluctívaga dos primórdios, falta onde sinto
a incompletude como o sistema da clivagem.

Partir, sussurra o coração, enfático enleio
frente ao real, o medo e o fascínio, a acção
sentida como o abismo, a salvação onde leio
o esplendor do destino, avernal contradição
lacerando quanto espírito está de permeio.

E há países e climas e latitudes e calmas
onde o Ser pode descobrir o Nada terrível,
um horizonte de ilha, um mar onde as almas
divagam, vagabundas, ao sabor do incrível.

5/2/85

A LIBERDADE

Sublime estremecimento, sentir a liberdade do momento, a luz do dia, o feraz pensamento diluindo as coisas do real, magma a maldade onde o desejo luta contra o prazer, aumento possível da estesia que reproduz a realidade.

Um abstracto olhar deslizando pelo irreal, não há aqui nem além, mas a abissal energia, perda da origem, grito da demora, irracional teoria tolerando a vida do homem, a acracia como figura plena da plenitude individual.

Impossível liberdade, querer-te congruente, traduzível em acções, em silêncios de amor, uma mão sobre a carne alheia, olhar flente lendo o absurdo de tudo como um escultor.

5/2/85

NO CENTRO

Quando o Nada se avoluma tudo é possível,
até um sorriso de escárnio, um medo tredo,
a escuridão caindo em lençóis do visível
para que a palavra soletre o solto segredo:
a revelação da morte como sorte previsível.

Não há saída nem vínculo, há esta imagem
flutuando, um eterno aviso, a percuciência
corrompida pelo tumulto vil da linguagem,
uma dor tão vulnífica que é pura referência
quanto se diz ou escreve sobre a coragem.

Viver no centro, se possível, e arder raro
como um fogo sem substância na distância
que vai do logro ao delírio, espaço claro
onde o destino, para ser, precisa da ânsia.

5/2/85

ALHEAMENTO

Ferido só pelo facto de o dia estar chuvoso.
Uma lassidão algures, o nevoeiro, a inamissível
chuva perdida no escuro da tarde. Febriculoso
alcance, sentir impossível a nostalgia risível,
sentir que do homem nada resta, vazio cenoso.

A janela escorre outro sangue. É a minha vida,
estar aqui, presente, mas tão longe que a aurora
demora, uma ficção de menino, um riso, oferecida
vingança a quem me atropela, a quem me devora,
combusto fogo fazendo das entranhas a medida.

Olhar silente e ver, se é possível, a eternidade,
um jeito terrível, a fala tosca do pensamento,
súbito brilho, vertigem, queda, tola temeridade,
saber que sentir não ultrapassa o alheamento.

6/2/85

ANIVERSÁRIO

Fazer anos: todos os anos um dia de Inverno adiciona ao tempo mais uma rodada, esquema inescapável onde a velhice cresce pelo inferno da duração, da memória onde o frágil poema explode como o mais ritual do saber moderno.

Hoje Sintra foi um outro passeio, involuntário desta vez. Esperava-me o cinzento, o hospital onde fotografias do meu corpo são o salário da doença. Senti que o mundo se perdia, fatal descida ao anonimato de mim, ser perdulário.

Fazer anos e não desejar, estupidamente, ver como a idade transforma a estadia, o sabor da vida que se escapa, a ficção friável do ser onde o real não consente um prazer ablutador.

8/2/85

PELA CABEÇA

Havendo corpo, e não o nego, passa pela cabeça o mundo contuso do paraíso ansiolítico, peso mitridático, aluvião onde a exiguidade espessa explode pelo clangor do delírio, ardor defeso quando a perspectiva seduz uma visão defessa.

Sofrer deve ser isto, deve ser assim, lembrar que se está em toda a parte onde o corpo diz o desarranjo, a avaria, o sentido nefasto do lar onde ninguém quer viver, nem sequer o infeliz esgar de quem conheceu o mistério do avatar.

Pela cabeça arde o pensamento do efémero sol, esta vicinal solidão, estar sentindo, disperso, a voz do fogo, o sigilo melancólico do arrebol onde nenhuma face reflecte o vívido universo.

8/2/85

VIVER

Guia-me o só desejo, continuar a desejar vida,
em cada mulher que vejo, em cada poema escrito.
Embarco pela música, a emoção é a única saída
para quem desconhece a lei, o poder, o inscrito
no frontão do destino nulo, da derisão dorida.

Sentir, mesmo o contrário do mundo, essa terra
subtraída ao sonho que alimenta a respiração.
Sentir o pormenor e o efémero, a letal guerra
entre os sentidos quando o desejo de fruição
esbarra com o sangue frio que o real encerra.

Cada mulher é um barco. Apetece partir, desejo
onde a ilusão tece o mecanismo do ledó poema.
Importa saborear as palavras, subsumir o ensejo
de uma terra onde viver não seja um problema.

8/2/85

PARA SEMPRE

Monótono fim-de-semana onde a chuva impera.
Vê-la não me cobre de essência. Espectáculo
cíclico, diluindo-se na consciência onde sidera
por momentos a dispersão, congenial oráculo
para quem se perde no lugar obsidiante da era.

Porque algures um lugar existe, de tempo feito,
espaço limiar onde o espelho reflecte o nada,
eco de um sol repercutindo-se num conceito,
num esforço capaz de mudar a energia amada
em voz, em fala, em símbolos de casual efeito.

Continua a chuva. Nenhuma metafísica arvora.
Este é o ocidente, estar aqui, jovem semente
prefigurando o animal desejo de uma aurora
que eliminasse, e para sempre, a dor ingente.

9/2/85

SOL, SOL, SOL

Nesga de sol, azul ablutador, renasce o sorriso.
Olhar e ver, a terra húmida, o sossego hiemal,
a rua cercada pelo movimento, súbito paraíso
onde a visão da vida se espraia fundamental.
Estar é como ser e viver, sempre de improviso.

Sol, sol, sol, lembro a canção e a hora amante.
Sentir o corpo no calor do universo, no ardor
do espírito feito sexo, leito da alegria opiante.
Mereço? Tem sido tão nebuloso o tempo altor,
que me espera quando desespera a voz hiante?

Mas sobretudo viver agora, do sol, a atenção,
liberto do tempo e esquecendo o frio espaço,
um homem definido entre o limite e a efusão,
lugar caótico da espontaneidade feito regaço.

9/2/85

NADA DE NADA

De tão dorido, sentir é quase não possuir forma
nem substância, como se o mundo fosse uma ferida
e meu corpo o fora sem apelo, natural plataforma
onde o ruído se vinga da essência, uma despedida,
sem fim, do começo onde a vida fora fácil norma.

Não se reconhecer é o lema e a escrita moderna.
Ir e vir, a casa e a rua, o cinema, o espaço afanoso
da queda, do advento sem fala, uma luz na caverna
onde ninguém lê nem compreende o sinal aleivoso,
a perdição como paz, a imolação como voz eterna.

Nada de nada, e tudo rodopia, saliências do medo,
sombrias do degredo que é viver o sol como crime,
uma confusão pressentindo a vacuidade do enredo,
e a tristeza e o horror por nada ser tão sublime!

9/2/85

SUSPIRO

Um grito caótico, suspiro, nesta alegria envolvente.
Tudo vive ausente. A janela é uma estela. A casa
destrói algo de mim, não sei porquê. Sobriamente
esqueço quanto fui, uma sombra, uma acesa brasa
durante o tempo da mocidade, no espaço erodente.

Nenhum desejo. Basta-me o sortilégio do momento.
Estar vivo, observando o real, a paisagem amável,
furto sabido à história do homem, adormecimento
dos sentidos, calor da alma, breve hora insondável
culminando no desgosto pessoal, este sentimento.

Há sempre uma auréola de mal no bem que falece:
estranho fascínio, desejar um castigo no prémio.
Esqueceu-se a lengalenga, dói-nos cair na prece:
eis-nos, homens do presente com o olhar assémio.

10/2/85

A TEORIA

Uma névoa ou nódoa de calor sobre a consciência.
A realidade como conhecimento, a teoria ofegante
do olhar, do sentido que se desprende. A ausência
como veleidade filosófica, um estuário excruciante
onde o pensamento se perde na fatal aspiciência.

De nada vale fugir ou sonhar. Aqui vive-se a foz
de quanta aurora deslumbrou o homem razoável.
Pensar é enlouquecer, é querer trazer à frágil voz
quanto fora se alonga na natureza, mundo friável
logo que se pretende humanizá-lo dentro de nós.

A saída é ridícula: concorrer com o útil dislate
para a harmonia de todas as coisas. Dar à língua
a possibilidade infantil de inventar um combate
onde a ousadia permaneça sem sinal de míngua.

10/2/85

A FAÚLHA

Uma gargalhada tonitruante explode no vazio da casa. Sou eu, que exploro suavemente a voz, que trago à privação o desperdício, que desvario num cântico ao infinito, esta tensão, som atroz derrubando a dicção nefasta do assustador frio.

Há, como um sangue que escorre, a tola emoção, sentir, sentir perdidamente o adurente mundo, uma faúlha na fogueira, a súbita queda, a acção inexorável da disponibilidade, o efeito fecundo onde se encontra a paz, a acalmia, a divagação.

Cantar o sem sentido de tudo como uma dança que se faz homem, rir do universo e do terno medo que ensombra a presença, alta esperança concedendo à vida umbrosa um sorriso eterno.

10/2/85

INEXISTIR

Mais uma vez aqui. E tão contente por estar aqui, leitor, que não sei como me perder. Venho, ente ditoso, lembrar quem nunca fui, o eco donde saí, a casa sonhada onde vivi. Como um adolescente que não sabe o que fazer do imperdoável frenesi.

Venho tão lentamente que é amor quanto sinto, estar aqui, tão quente, tão dentro, tão criança, liberto da morte, entregue ao icástico instinto, como se fosse possível fazer desta lembrança o cerne acmástico, a saída do sofrido labirinto.

É o que sinto, inexistir aqui, respirar a demora, viver nesta hora a falsidade da luz depascente, um simulacro, uma sombra, uma raiz, a aurora que fará do impossível a verdade evanescente.

12/2/85

A LINGUAGEM

Fora de qualquer sortilégio sagra a linguagem
a impossibilidade como real. Dizer é uma festa,
viver é reconhecer na palavra a vaga passagem
onde espaço e tempo se diluem, extática aresta
culminando no advento da circunjacente imagem.

Passamos, ridículos, entre o fosso e a história:
um livro esquecido, o execrável pó do bosquejo.
A atracção: fugir à lei, ignorar a cega memória.
Que dever nos devora, que movimento é desejo?
Que língua, por mais rara, nos devolve a glória?

Insanos no mecanismo do tempo, vamos amando:
a forma, a fissura, o esplendor da luz, o contorno
onde se perde a juventude, uma vida: sonhando
construímos cataclismos sem verdadeiro retorno.

12/2/85

SEGUNDA PARTE

POSSUIR

Não tem nada a ver com o tempo, nada a ver com o lugar, tem que ver, parece-me, comigo, este frenesi, esta felicidade, este puro prazer de dizer o inútil, a coisa, o insolvente abrigo onde respirar é viver, é sentir o solaz lazer.

Alegria deixa de ser nome. Vivê-la, evasiva, alaga-me de ser e de humanidade. Um acrato consolo, possuir o sentido, a ilusão activa de que meu destino não se perde no desacato.

Olhar é simplesmente ver. A realidade está aí, nessa incógnita, nessa rara ambiguidade, como se o mundo despertasse e desse maná a quem tem sofrido o aguilhão da verdade. Tão difícil, por vezes, passar pelo bê-á-bá.

14/2/85

ESFERA

Viver agora, nesta dispersão, é a distância.
Tanta efusão de sinais deixa-me incrédulo!
Será loucura quando se sente tal errância?
Pouso sobre o real votivo um olhar sédulo,
onde estarei: em mim ou em plena vacância?

Que alma me pervaga, que vazio me dilacera?
Onde é dentro, onde é fora? Estou distante
de tanto imaginar que é possível uma esfera,
uma casa de caos e cosmos, lugar estreante.

Respiro o animal que sou, a voz fala, entro
lentamente em quem serei, cega experiência:
um passo aqui, um passo ali, viver o centro
de uma realidade onde a língua é cadência,
é o ritmo aprazível onde o fora se faz dentro.

14/2/85

DIZER O NADA

Súbita, a tentação, dizer o Nada, o outro lado do Ser, do Tudo, da totalidade que nos alimenta. Com palavras, estas que se escrevem com brado, um acento histriónico e incestuoso, tormenta donde se liberta o eco, espelho do som amado.

Mas como? Dizer, proferir, escrever é a negação da inexistência, mesmo quando dura a loucura de um sentido, de uma sensação que diz a acção improvável e imprevisível de outra aventura.

Não ser nada tem a ver, em essência, com o Nada. Este existe na plenitude viva da consciência, elo irresponsável onde a língua arma a abissal cilada. Refúgio do Ser, contradição, potência do belo, é a sua mais lídima expressão na voz depurada.

14/2/85

A NATUREZA

Um cinzento abiótico cai sobre a terra húmida.
Falemos sobre a natureza. O Inverno sentimental
aborrece-me como tema, passar é a saída fúmida,
ver como a vida continua, a sua cor existencial
pairando levemente, um insulto à beleza túmida.

A natureza. Os ciclos. A terra. Todo um programa
eleito pelo absurdo. Deixemos ao amor o desejo
como possibilidade única de compreensão, chama
capaz de encontrar no sem sentido um bosquejo.

Senti-la, assim tão fria, tão húmida, é senti-la
como uma invasão ancestral do corpo calamitoso,
uma náusea na impressão, um acidente na pupila,
a presença odiosa de um cenário velho, paludoso,
onde a consciência desconhece a paz tranquila.

15/2/85

INSUBSTITUÍVEL

O silêncio da casa soluça, coitado, pedindo música. Ondula um estranho sofrimento, saber onde se encontra sua origem, o problema. Indo mansamente pelos quartos frios é um prazer descobrir quem me habita, este torpor infindo.

Navego neste assalto do tempo. Uma vontade enorme de dormir, de achar calor, a quentura capaz de me fazer regressar à tersa fragilidade de um começo, quando ser era uma conjectura.

Espasmódico sono, terebrante esvair da dor. Uma escuridão para os olhos: ficar extático como se a vida soubesse escolher o melhor remédio para o insubstituível, acatastático lugar do sonho, da ausência, do fatal amor.

15/2/85

INCONSCIENTE

Dormir, fingir vogar pelas brasas do incêndio,
o mundo com seus deveres desfeito, a natureza
longe como um sonho de felicidade, vilipêndio
onde a alma, se existe, colherá a subtil beleza,
o sabor inaudito da crueldade como dispêndio.

Perder o corpo e o olhar, ficar estupidamente
fora da consciência que atroa, um pio sorriso
anavalhando os lábios: descer o rio, impudente
labor do inefável quando fala, sexual, o riso.

Algures surge a música, o inconsciente altera,
repõe, impõe um desastre na nomenclatura. Edaz
mecanismo, perpassa o destino nessa atmosfera
onde a identidade nem é espelho nem pervicaz
queda no onanismo: jaz aquele cujo sol espera.

15/2/85

A NOITE

E depois, há sempre a noite. E com ela, a ânsia, um estado indefinido, de alegria e solto medo. Como se o destino, o silêncio, a circunstância compusessem um delírio onde a crueldade cedo se transmudaria em serenidade, sono, distância.

Viver o nocturno apelo, ignorante e aleatório. Sentindo o outro lado do ódio, o fogo, a chama horrível do pensamento quando o ser inglório se desfaz em ilusão de sentidos, um melodrama.

E nunca há em verdade noite, mas um simulacro: a espera, o suor, a errância contrita. Sobe o dia, e então sim, o poder das trevas age, sol sacro deturpando o riso e a margem, erodente ironia para quem visionou o fim no acendimento acro.

16/2/85

TUDO

Ruídos do mundo neste cerco suburbano. A janela aberta, como símbolo, sem história. O sol suasivo, uma nódoa obumbrada de luz caindo sobre a tela. Onde fica a realidade? Em que corpo velicativo emerge a razão de tudo, a inspiração, a aguarela?

Ébrio de nada, solitário como a língua, sou tudo. Um rodopio, e a confusão, e a passagem exequível até quem não sou por impossibilidade: um estudo ontológico, a folha fenomenal do insubstituível.

E um riso crasso, medonho, terrifica a linguagem. Não sou eu quem sou quando o vulto à janela vê, pelo clarão, a sombra de outra coisa, uma aragem conivente, um susto em suspensão, um nulo porquê transladado para o real como se fosse a paragem.

16/2/85

GOZAR

Quanto procuro salva-se na simplicidade.
Estranho, escrever assim é desmerecer o fim,
é fugir às responsabilidades. Álacre idade,
querer viver pelo começo a origem do assim
assim, o arremesso sexual da ambiguidade.

Sílaba a sílaba, gozar. Os lábios adurentes,
quem é quem? Aqui há mar, há céu, há adejo,
um amplexo onde ninguém sobe os afluentes
e todos se perdem na jangada do solar desejo.

Nada me preocupa, nada é essência. Penugem
amada quando o corpo é mulher, inteligência
dos sentidos pelo ardor, cheiro a salsugem
quando a carne se abre. Afundar-me, ausência
total de perspectivas, de qualquer amarugem.

16/2/85

PRESENTE

Nunca mais repensar a vida, mas esquecê-la.
Um quotidiano onde a rotina é acção e medo,
um espaço onde viver esconde a sábia estrela,
um tempo onde meditar solta algum segredo.
Ser assim, viver assim, sentir a falta e sê-la.

Só o futuro redime, diz a eruginosa canção.
Um sorriso perdido, que rima e que aticismo
pactuando com o inferno? Selvagem salvação,
não visualizar um destino no vago truísmo.

Vive-se só o presente. Presente do absurdo,
ilógico, nem muito atrás nem muito à frente,
ei-lo: imparável, recto, um chão onde chafurdo,
uma ordem endemoninhada pelo caos ardente,
um grito saído do corpo que se aceita surdo.

16/2/85

POEMA

Um poema translúcido, não pela tosca verdade que poderá conter em si, mas pelo eco, ensejo, imagem que poderá dar do mundo. Uma acuidade tão fina na sua tessitura que lê-lo como arquejo seria uma respiração fácil, uma fértil felicidade.

Dizer, pela escrita epulótica, uma vida, a acção terebrante da odisseia e da intuição, o assalto ao absoluto, um olhar, um sentimento, a dicção imprevisível da palavra no esplendor do salto.

Viver a palavra, o som e o conteúdo, um poema onde a ideia de sublime seria banida, macerada no sangue do abrasamento, negação do teorema, da forma estática do pensamento. Uma morada seria, caótico sibilo do existir, fruição extrema.

17/2/85

A FOGUEIRA

Abrir os olhos e não ver não é apenas cegueira.
É sentir, por dentro, que a terra, quer horizonte
quer paisagem, esconde um brutal cio, a fogueira
onde arde o pensamento, onde a ideia arfa, ponte
capaz de transpor o ardil da coercitiva barreira.

Sentir, já o disse, é como se a perda necessária
fosse, uma espécie de sacrifício, uma leve queda
no espaço cadavérico da história, alma precária
enfrentando o caos, a loucura, o sol da labareda.

Há um abismo onde a fala perde a sua expressão.
Ir bem fundo, diluir a identidade, ouvir o sentido
da carne feito fogo, gozando, como uma irrupção,
a materialidade do espírito, a coisa, o grunhido
animal que quase nos sufoca em plena excitação.

17/2/85

O BERÇO

Em frente, tudo quanto é, e é tão pouco vivê-lo.
A cidade húmida de Inverno jaz como uma idade
onde é impossível impedir ou destituir o atropelo.
Gentes, a rua imóvel, olhares parasitas, needade:
eis a fachada para uma nação perdida, sem apelo.

Nascer foi aqui, mas por um fatal e mítico engano.
Reconhecer o berço, em que rosto, em que medida?
Porcaria em toda a parte. A peste. E um sol insano
procriando moscas, preguiça, simulacros de vida.

Esta telúrica raça falha em ágama incompletude.
Basta vê-los, tolhidos pelo incesto, uma doença
sem remédio, um riso bacoco, a necessidade rude
pendurada num orgulho imbecil. Sua indiferença
lembra os deuses quando o mundo era plenitude.

17/2/85

O CANSAÇO

Saberei alguma vez descrever este cansaço,
este corpo onde o mistério da vida arrefece?
Um peso monstruoso, nem o céu dilui o crasso
terror da humana presença. Estar aqui, refece
sensação de opróbrio, uma prisão no espaço.

Nem olhos tenho para sentir o que vejo bem.
Um mundo obscuro, a luz terrena, a terra fria.
Estranho medo, sinto-me ferido, um refém.
Nem a casa alivia, nem o tempo perfaz o dia.

Enquanto houver consciência, sei o tumulto.
Nada mais quero. Viver a contingência, a luta
entre contrários, fadário terrível, um insulto
ao vazio vigente da civilização. Na absoluta
violência vingar-me-ei deste cansaço inulto.

18/2/85

PERDIDO NO SER

Nenhum sentido, mas a eclosão da realidade.
Tão perceptível, que dói o corpo incoativo.
Dizer não é mais nada. Uma certa liberdade,
sentir no simulacro a bebedeira, obsessivo
derrame da consciência enquanto pravidade.

Rir até que caia a máscara. Mas a linguagem
arma-se de subterfúgios, a tradição deplora
qualquer risco, exige ao homem a arbitragem
na definição do cabotinismo como da aurora.

Estranho acaso, viver! Assim perdido no ser,
fogueira e faúlha, um olhar de dentro, a casa
onde o abrigo é pleno abandono, sujo poder
inserido no tempo como loucura que arrasa
o mínimo detalhe da alma, o lapso de haver.

24/2/85

VULGÍVAGA

Noite vulgívaga, ascendes à rude desolação,
anulação promíscua da paisagem terebrante,
muro onde o olhar redescobre a celebração.
De quê? Há sempre o nada, o vazio ovante,
o desejo suicidário de se acabar na inacção.

Noite teratológica, apogeu e abismo, ver-te
com olhos de cego, um castigo. A casa cobre
a possibilidade de um delírio, poder viver-te
sabe a sacrilégio, orgulho da imagem pobre.

Nenhuma palavra te é. Inventam-se sentidos,
codificam-se mensagens, fala-se uma língua.
Em vão. Diante, eis-te, inominada, nula: lidos
os sinais das trevas, como cosmos à míngua
sentimos que erramos pelos medos sustidos.

24/2/85

UM HOMEM

Suicidou-se. Um antigo companheiro de exílio.
Lançou-se de um décimo andar, aterrou numa varanda.
Contou-me, hoje, um amigo comum. Estranho idílio
com o voo. Senti, se possível, a dor clímax, nefanda.
Ouvia o amigo, e pensava comigo, preciso de auxílio.

Despedi-me com um sorriso nos lábios, a palmada
nas costas: Nós nunca nos suicidaremos! Ninguém
sabe, replicou o amigo. Ninguém sabe nada de nada.
Deixei-o, comovido, pensando: Há um aquém, há um além.

Lembrei-me então de Paris, e já de Lisboa. Rapaz
de histórias rocambolescas, o brilho da inteligência
em olhos que dardejavam a política suspicaz.
Uma morte violenta, era a frase da contingência.
Sinto-me tão frágil, conheci-o, era um homem audaz.

27/2/85

A MORTE

A morte. Não vale a pena encher-me de rodeios,
andar de cá para lá. A morte. Um cadáver na alma,
qualquer coisa que é, que deixa de ser, vira enleios
para quem fica, na vida, a deplorável. Esta calma,
depois de tudo, até do nada, obreira de bloqueios.

Um corpo frio, exangue, expugnável, hirto, fechado.
Nada do que foi, mas a nua carcaça, o ricto da sorte,
um silêncio tão tímido e branco, o rosto deformado.
A morte do amigo, a violência, o voo, o nítido corte.

Terei que passar por aí, também eu. Quanto horror,
amor, saber que fui, que sou, e que desaparecerei!
Eis a realidade onde imprimo quanto passo: a dor,
este torvelinho no espaço, traço onde morrer é lei.
Espanto, ter receio do que não sei: do fim que for!

28/2/85

GRITO

Hoje não há dia para enlevo ou para encanto, amor,
mas apenas este velho cinzento de Inverno, esta chuva
na secura do pensamento, como uma ferida, uma flor
sobrevivendo à intempérie. Ser cabe-me como uma luva,
mas viver escolhe-me no seio do sofrimento devorador.

Estou no atoleiro patético da transcendência risível.
Ninguém acredita que sinta, senão a alma extática,
pelo menos o vazio onde nada é corpo. Fala exequível,
mas dizer abandona os consabidos rituais da prática.

Um olhar e uma palavra. Nada de sério. Nem o selo
do mistério que a vida não tem. Passar, é o destino.
Não ligar ao exterior, expurgar a dor onde o desvelo
coincide com as metamorfoses da loucura. Assassino,
grito ao tempo, encharcado num confuso pesadelo.

28/2/85

DEMAIS

Labuto a indisciplina entre as quatro paredes do ser.
Alago a forma de deformações, o escárnio, a alegria,
estações da revelação, simulacros do agoural poder.
Finjo que estou onde me espanto. Procuo a acalmia,
sentir que é homem quanto vivo no eventual prazer.

Não há forma, mas limites da consciência caligante.
Rodear o ser, cercar a palavra, o ofício, a escravatura.
Ilusão, pensar a eternidade num poema ágil, opiante.
Tudo o mais é demais, e quando acaba mal, é loucura.

É da sua natureza acabar mal. Só a origem, o começo,
trazem ao corpo a alacridade da carne. A liberdade
do bem dura pouco, e quando o olhar fere, o recesso
da verdade eclode: finge-se então uma perversidade,
a vingança do espírito frente ao mortífero arremesso.

28/2/85

TERCEIRA PARTE

ASSIM

Embaciado vidro da janela. Assim, para começar
este vital poema, cinjo-me à realidade circundante.
Não estou triste nem contente. A vida exemplar
escoa-se como fumo, estar aqui, o breve instante.

A cabeça o caos. Impérvio tempo, saber a ideia
que irrompe, um truísmo, uma melopeia, o cinzel
contundente onde se sofre o mundo. A colmeia
estridente, e todo um gosto perdido, amargo fel
cerzido no domínio da consciência, onomatopeia.

Humidade terrível, o Inverno caindo pela água.
Se fosse folha, ou terra, ou mesmo um animal...
Para quê comparações, alianças verbais? Mágoa
é quanto sinto, este desleixo, este coro abissal
repetindo, paulatino, os ecos sibilinos da frágua.

28/2/85

O FOGO

Translúcido desejo de me deitar à fátua fogueira.
Viver por segundos a faúlha, o fogo, o instinto,
como se depois já não mais o tempo, essa poeira,
significasse um caminho, mas sim o labirinto!

Explodir, eco, por dentro da gramática infantil,
um verso indisposto, uma frase inconcludente,
o prazer incipiente de subir no fumo primaveril:
aí seria mais eu, mais alguém, mesmo se ausente
da realidade adurente ou fora da matéria subtil.

Ser puro, que castração! Nada disso imploro.
Quero a vertigem dos simulacros, o massacre
onde a existência que perco sabe que revigoro
um desejo álaçre, uma emoção. Sangue acre,
senti-lo em cada pulsação como fugaz meteoro.

28/2/85

A ESCURIDÃO

A escuridão deplorável do fim da tarde invernal,
um esgarço na consciência, ablação do sentimento.
Nada ver é uma forma de medo, esperança letal
para quem viveu o mundo como aniquilamento.

Mas sentir... Onde sentir, ó noite, que te alcanço?
Lanço do destino florir, depois, fingir uma idade,
depois, cair sobre a terra, o corpo em descanso.
Depois, esperar. Estrebuchar, animal da acuidade,
reduzido ao lugar comum da morte, edaz balanço.

Não há nenhuma dignidade. Homem, diz-se, canto
claro na alvorada ideológica, um sorriso minaz.
Histórias. Lengalengas. Vem a morte, vil espanto
nutrindo o destino de outros vermes. Sol solaz,
ter-te tido nos braços para perder-te num pranto!

28/2/85

DESCER AO CAOS

A vida não se perde, quero dizer, a dos demais.
Ei-los, severos ou risonhos, labutando um pão,
indiferentes aos problemas cósmicos, naturais.
Saber ao menos se gozam a beatitude da irrisão!

Tomar fôlego. Sorver o redor com a simplicidade
factual de quem não existe, sorrir pateticamente,
não porque o exterior o exija, mas por maldade,
assim, um ser à deriva, esfolado vivo, secamente
exposto às monstruosidades civis da nossa idade.

Da nossa idade! Uma vontade de rir, sem alegria.
Uma vontade enorme de descer ao caos, ao lodo,
e aí chafurdar, um homem, um século, rara alalia
sentindo o sentido terrestre da visita, do denodo
extraordinário para quem só sente a acatalepsia.

1/3/85

ALGURES

Mas o sol surge, medonho, como risonha criança
apalpando a fragilidade do horizonte. Sim, senti-lo,
é a palavra de desordem, senti-lo feliz como dança
em torno do fogo, negação talvez leviana do sigilo.

A minha família abunda, algures, no fofo universo.
Desconheço a língua, os sinais, o lume da imagem,
navego. Onde há mundo, há eco. Onde sou disperso
poeiras augurais, há uma mensagem, a passagem
capaz de trazer à terra os ciclos do tempo asperso.

Nunca soube do que falo. Halo terrível, escrever
com o cúmulo do ser a sorte insensível da loucura,
o espasmo, a alegria, a luz, a labareda, um prazer
tão intenso que o êxtase continua a ser a ruptura,
um tempo diferente para um espaço fora do saber.

1/3/85

A PASSAGEM

Janelas abertas, manhã alta, é o espírito que fala.
Paro por segundos... Estranho verso! A quem seduz
este assombro, haver vida e terra e sol? Quem cala
a presença de um universo feito de trevas e de luz?

Nuvens brancas deslizando pelo céu azul, aprilino,
nada para dizer, nem sequer uma aluvial confissão!
Tudo bem, diria. Resta-nos o fora, o espaço esurino
onde apetece brincar sendo homem. A tergiversação
desnecessária, área da alegria num oaristo oasino.

Algures, soturna, dança a dor, a maligna. Viagem
dos sentidos, lançá-los pelos caminhos, na procura
diligente de uma solução. Do sofrimento a alagem,
subir, subir sempre, e pairar, nuvem, onde a tontura
presente o outro lado, a intensidade da passagem.

2/3/85

ESTÁ

Passa a manhã a tarde. Olho o céu, percebo a terra,
sinto-me disponível, mundo! Ninguém me responde.
Sinto dentro de mim um tumulto, uma turva guerra,
se explodisse mancharia o céu que a nuvem esconde.

Não é o sofrimento físico, mas o medo, estúpido elo
entre mim e a morte. O dia desmerece a metafísica.
Melhor olhar e ver e sentir, quente, o alado amarelo
deitado sobre as fachadas pobres. A verdade física
impõe-se como a possibilidade de um discurso belo.

Não pensar! Nenhuma ideia, mas o reflexo citadino
do sol que aparece, um fogo, a claridade indecente
berrando a existência da matéria como um figulino
encanto da presença. Tudo o mais está, é imanente
ao desejo de perdição num absoluto gozo fescenino.

2/3/85

PERIFÉRICO

É um sentimento periférico o que não sei se sinto.
Arrasta-se a manhã quase a atingir a indefinida tarde.
Nada me apetece, e quando pretendo apetecer, minto.
Que se passa comigo? pergunto. Algo na vida arde.

Longínqua música vinda da sala, é domingo, a casa
espalha-se como um fluido fléxil sobre os objectos.
Venho até à janela, nada disto é um poema. Arrasa
os meus sentidos ser assim, ser um homem de afectos
no seio da vida, ardendo como lixo na brutal vasa.

Sentir não mais, repito, acriançado pela liberdade
da hora. Quem me foi, quem me é? A música suave
reproduz uma atmosfera de conforto, a intimidade
onde me é difícil ser dentro. Que tudo se me agrave
é o acaso do destino, é a lei. Agora e na eternidade.

3/3/85

ACALMIA

Viver cada dia o dia, diz-nos a despedida filosofia.
Que nirvana será possível num desejoso ocidente?
Rimar a rima com a rima, prazer pravo da agonia
ou esperança, no espaço, no tempo, na luz fugente?

Há um cataclismo algures neste corpo, na cidade
onde se finge viver a história. Há um medo mudo,
um desejo sem forma, um espesso véu na claridade
com que se sente a vida, a morte. Haverá conteúdo
para a excitação, o êxtase onde se perde a idade?

Não mais sentir a carne, nem no prazer nem na dor!
Fulgor da hora, estar assim, tão brando, tão ausente,
um espelho no descampado da mente e um rumor
acariciando os ouvidos, a chama do peito, dormente
acalmia onde já se prepara o paroxismo assustador.

3/3/85

CALOR

Há sempre um momento em que o corpo deblatera.
Não é raiva nem ódio, mas o calor que sobe mudo,
um trivial chamamento feito de esperma, a esfera
solar onde viver capta da existência o jogo de tudo.

Um frenesim, percorrer pela escrita a memória
impopular do deserto e dos oásis, do masculino
revérbero onde o sangue desce como a história
que se pretende esquecer. Palavras! Que destino
deseja que a coisa reverta em alma, em vitória?

Perder os sentidos, navegar pelo fogo, escorrer
até aos limites do prazer, e aí ficar, esmorecido,
homem de carne e osso, truísmo absoluto do ser.
Palpitando um pênis humano, húmido, estarecido
com a convulsão, o desgaste e a falta de poder.

3/3/85

O SENTIDO NENHUM

Trazer ao nada que se redime o acaso do amor,
a falsificação e o opróbrio, o desejo imanente
de uma guerra em que a língua possa com ardor
comunicar o sentido nenhum de um orgasmo quente.

Tudo para ser dito, até o maldito do vasto mundo,
as engrenagens, os compromissos, os vícios, a luz
com que se assume e se assiste ao crime imundo.
Não há solidão, mas a fereza da terra que reduz
a nada a ilusão de um hino no homem vagabundo.

E a casa, e a cidade, e a sociedade onde se vive...
Um pesadelo ganhar a vida, perdê-la e ver o destino
desfeito em cinzas neste gosto amargo de declive:
a queda no sonho molhado, a ascensão do assassino
que cresce no peito como um cancro que sobrevive.

3/3/85

E SABER

Basta! diz meu coração cansado, sentir não pode ser isto! Viver atado ao mundo, olhar e recolher de tudo uma imagem, um fulgor incapaz da ode com que se cantava outrora as ilusões do prazer.

Sair é entrar, se a lógica nos permite a contradição. Há tempo, há um lugar, há a vontade humana de vir reconhecer a origem, a casa, o cosmos, a erotização onde a carne se faz espírito. Viver é como servir de trampolim ao palhaço que se inventa na acção.

Confusão, e depois os dias, e depois as noites, um olá de despedida, um olá de reencontro, viver assim, viver alado, viver com enfado os açoites da sorte, do destino que nunca nos cabe. E saber, febril, que não há alma ou corpo onde te acoites.

3/3/85

O MURO

Soalheira manhã, sentir-te no corpo cupidinoso,
um sentido para a vida, uma imagem de liberdade.
Nada mudou, o inferno continua, mas seria ocioso
perpetuar a dor com manifestações de ansiedade.

Há um corpo que é meu, que sou, é tanta a confusão
que não sei mais onde buscar uma perspectiva! Só
me lembro dos dias em que ser feliz na inação
correspondia ao íntimo desejo de paz. Agora, o pó
dos dias, das convulsões anímicas, é uma ablegação.

E há tudo o mais, o mundo, a terra, o social olhar:
estar entre gente, senti-la perdida para o futuro,
o cabisbaixo destilar da indiferença, outro esgar
com que tempero a minha intemperança! Há o muro,
aquém e além descubrem a essência do sepulto lar!

6/3/85

RECONHECER

Ignorar tudo, de uma maneira poética, eis o preço.
Ver, vejo o que o real e o corpo permitem. Sentir
nasce mais fundo, da imaginação. É um tal tropeço
que quem sou parece ter vindo do abissal porvir!

Mas resistir à realidade será tarefa? Resistir peca
pelo sofrimento que acarreta. E depois, deixar ir
corpo e espírito ao vento da metáfora não obceca
tanto como sentir a irrisão soturna do vívido rir!
Nenhum saber, infelizmente, se acha na biblioteca.

Nulos, como animais perdidos na subtil imanência,
berramos a contradição. Vemos as coisas, o desejo
abre-nos como frutos maduros. Arde a permanência,
que eternidade para os nossos passos? E o lampejo
é tão grande que nos dói reconhecer a existência!

6/3/85

IRONIA

A dor física, no âmago do corpo, obnubila o real.
De nada me vale olhar pela janela sempre mítica.
Uma mancha deturpa o que se desejaria essencial.
Resta-me a consciência do interior, a voz crítica.

E o que me diz faz-me medo. A ambiguidade é pior
companheira que a certeza. A carne quer dizer-me
qualquer coisa, e eu não compreendo. Que auditor
poderei ser para o informulável? Ironia, saber-me
disposto a todas as linguagens, mesmo as do amor!

O ódio que acalentei vingá-se. Desejei um mundo
onde fosse possível a justiça, o bem, a igualdade.
Recebi o crime da lei, o social castigo, o infecundo
grito do sofrimento, meu e alheio. A autenticidade
paga-se assim, neste desespero contumaz, profundo.

7/3/85

ENLOUQUECER

Apetece, num segundo de brandura, enlouquecer.
Fugir ao corpo, vogar pelo ilimitado, céu salaz
ou salso mar. Apetece estar aqui sem conhecer
as referências da realidade, esse rastro minaz.

Palavras, como as odeio, às vezes! Revejo a luz,
senti-la, que ilusão! Não sou a velha natureza.
Animal ou monstro, faço da vida o que me seduz,
um brilho para a eternidade, a chama da beleza.
Sabendo que o que me alarga é o que me reduz!

Amar os contrários, o fito da salubre poesia.
É-se capaz de viver, ser-se-á capaz de morrer?
Custa tanto pensar que nada será depois do dia
em que não ser torna impossível este remoer!
Absurda diferença, sentir na morte a ousadia!

7/3/85

A REALIDADE

Suave música lambendo este ambiente matinal.
A luz balança ao sabor das nuvens. Esta janela
dá-me tudo o que posso esperar de essencial
da vida: a imagem inocente de um real tagarela.

Música terna, subindo e descendo, outra manhã
inventada no cerne da imaginação. O sol pleno
caindo sobre as coisas, e o amarelo de um afã
que não cessa, vaivém erótico no lugar obscuro
onde a vida continua afeita à sua contenda vã.

Faz-se tarde. Que disparete, dizê-lo! Uma aragem
perpassa varrendo copas e roupas. A realidade
deve ser isto, assim. Um silêncio, uma linguagem
plena de resquícios, dos vícios da ubiquidade.
Pena não saber a fórmula para a sua abordagem!

7/3/85

DEPOIS

Que pode um homem ser quando a carne é um vulcão de nervos? Espasmos de dor sulcam-me como adejos de lava ou poeiras do sol. Dizem que é imaginação, com um sorriso nos lábios e alguns brutais gracejos.

Estou perdido para a ciência do mundo. Homem falo, digo a substância subterrânea, ninguém me crê! Asa terrível, a da solidão. O voo surge como intervalo entre terrenas deambulações. Febril, existe a casa, o lugar onde a dor é vivida como um mortal abalo.

Deixar de me sentir e ainda ser! Viver capazmente, isento, se possível, da crueldade como da aspereza! Nasce-se tão jovem, tão novo! Depois, circunjacente, surge a armadilha, jaz o alçapão. Nenhuma certeza em nada, mas o gratuito, o absurdo, o inconcludente!

8/3/85

DENTRO

Abrigo-me na ideia do sol, não sei porquê. Evasivo,
vagueio as dependências da casa. Lembro a infância,
o silêncio sulfuroso das tardes de Verão, assertivo
espelho onde depus qualquer essência da distância.

Quem me vive é-me de dentro, inexplicável natureza!
Vi o mar em dias de tempestade, vi o céu granuloso,
suspeitei da noite, ri pelo dia, inocente de beleza.
Almejei o fora, ouço-o, que me fala, mas, formidoloso,
não sou eu. Dizer, estou aqui!, só desculpa a torpeza.

Algo me diz que quanto mais sou mais me distancio.
Haver mundo é enigma, haver-me dentro desta esfera
ou é crime ou nefasta revelação. Sou como um cicio,
ignoro o alcance, o espaço, o tempo. Sofro a cratera,
expludo, sou lava e fogo, a louca língua do rodopio.

8/3/85

A MARAVILHA

Fecho a porta. Declina a tarde. Paro um instante.
Tanto ouro, a bola incandescente! O primevo calor,
um bafo de Primavera sobre o corpo alvoroçante.
Fecho a porta suavemente. Sem saudade nem rancor.

O espírito apaziguado, a casa vazia, o olhar raro.
O que ali deixo não se perde nem se ganha: viver
é assim, passar por sítios e não ficar. Sol avaro,
desaparecendo lentamente no horizonte do prazer.
Súbita tristeza, mas o contrato foi porém claro.

Acabar. Passar a outra terra, a outra língua. O dia
finge alguma amissível claridade, longe o arrebol.
Quem fui lê-me, se a realidade não mente nem adia.
Apetece agora esquecer, descer no mar como um sol.
Fui o fogo, eis a maravilha! Nunca soube que sabia!

8/3/85

SONETOS INSUETOS

CHORADINHO

Perdido sem começo nem labirinto
finjo que domino o destino. A casa
é o máximo de conforto que consinto,
mesmo se para sentir me penso asa!

Estrebucho num horizonte que sinto
ser o castigo que não mereço. Rasa
medida a da vida quando eu minto
uma sobrevivência que me arrasa!

Viver tornou-se a fuga pelo sentido.
Animal ferido na sua consciência,
só na liberdade encontra o fio perdido.

Tudo o que existe revive a ausência.
Não há metafísica no olhar abatido,
nem é de matéria que se é permanência!

4/12/84

DESTINO

No encharcado do tempo vive a alma,
indiferente sigilo onde o desamor
imperava, faúlha de uma soturna calma,
lugar dúbio necessário à fértil dor.

Passam os dias, trazem os dias alma,
a inexistência sem perigo do ardor,
um olhar furibundo lendo pela palma
a mão duvidosa do destino castrador.

Nada a fazer senão fazer esse nada
onde a lei desafia o sorvado rosto
daquele que sonhou uma vida alada.

Saído do mais fundo que é desgosto,
o homem desconhece a palavra amada,
insere-se no mundo como rito apostado.

5/12/84

AUSÊNCIA

Nula presença dilui o lúcido marasmo
que prende meu ser ao fogo da ausência,
um turbilhão de sensações, ficto pasmo
onde recupero a imagem da permanência.

Logro é-o, mas o importante faz-se espasmo
de forças que governam a pura anuência.
Combater é fingir que se sente um orgasmo
no mínimo detalhe da realista imanência.

Assim, ente mais que querido, o logro luz,
um clarão tão grande que a loucura cura
de todo o mal que cada vez mais nos seduz.

Não é um estado humano esta solta soltura,
viver com o cruel espinho que fere e reduz
o ser a mera exposição da futura sepultura.

6/12/84

A FALA

Feliz e fértil a fala fabrica fáceis flores
onde quem é homem descansa da viagem.
Ouvir como se o canto banisse odores
da mais pútrida e selvagem linguagem.

Esquece-se assim as desmedidas dores
que entre nós mortificam quando agem,
pensamo-nos sempre livres pensadores
no papel sedutor do sol noutra imagem.

Que fazer à vida deixa de ser escala
no remoinho sonoro da ácida vertigem.
Que prémio desvirtua aquele que cala?

Que terrores e crimes vis nos exigem
para merecermos o fogo fátuo da fala?
Se, por fim, só nos resta a fuligem?!

7/12/84

INCOMPREENSÃO

Se tudo o que existe, assim como um começo,
subsiste sem memória na palavra diferença,
que razão maior do que o medo, se desobedeço,
espalha no Nada a exfoliação de uma presença?

Condicional escárnio é este vital arremesso,
repetir com o sentimento a duvidosa crença
numa realidade onde o pensamento, se faleço,
logo procura justificar-se como cruel doença.

Onde pois encontrar o Idêntico se a casa
vive de gritos tão velhos como o instante?
Como pois acreditar no vento quando arrasa?

Melhor deixar ao Ser a fulgência anelante,
melhor colher dos dias o silêncio da casa
quando nela se respira uma ilusão caligante!

16/12/84

CONTRADIÇÃO

Acolhe e abole, da palavra, o sentido ermo,
a face exterior do espírito, o sinal da perdição.
Nenhum sol, por ser tão puro, cobre o termo,
mas o corpo, se desejo, conhece a concussão.

Escrevo o que desconheço, diz o estafermo,
pensando-se profeta, poeta da exulceração.
Fica emasculado o discurso, o nuto enfermo
diante da possibilidade eversiva da derisão.

Pensar é como perder a vida, ser despedida
onde a luz, bem fundo, sente a dor do mundo
como a fala terrível da morte reconhecida.

Assim, tudo o que nasce jaz no medo fecundo,
e como chama prevalece, desfalece, pela vida,
pela necessidade solaz de um amor profundo.

16/12/84

NECEDADE

Se não é a morte este fio que aqui me prende,
o que é, então, que me desliga pela liberdade?
Sei-o desde sempre: como hoje, ninguém aprende
a soletrar o medo, a medida, a perda de realidade.

Ausente, o poema desfigura o que nos ofende,
uma existência votada ao crime da needade.
Presente, ilustra, pela angústia que suspende,
a excrescência sublime do pavor, da crueldade.

Se não é a morte, que vida é esta que consente
este doloroso logro, escrever a contingência?
Condenação ou prêmio, prever o Nada ausente?

Mas ei-lo, em cada sílaba mera coincidência
onde o apelo se faz verbo, sinal talvez evidente
de que a vida não exige do homem a coerência.

17/12/84

A IMPRECISÃO

Sinto, vejo-o, e como me tremem as evidências!
Não saber onde o colher, que forma encontrar
para o que, sendo sopro, vem das nitescências
que galvanizam a pobreza fecunda do olhar.

Não é objecto nem está sujeito às ardências
que palpitam na palavra, é um sinuoso limiar
onde falham as defesas horas, as referências
ao mundo do mimetismo onde lhe cabe acabar!

É uma imprecisão, é um frémito, uma plausível
deformação quando a vida escolhe a equidade.
Não sobra no poema, nem é carne irreduzível!

Paira, máscara, no cerne da visão, a liberdade
como fuga, como fogo, avanço e dor defectível
onde o que é ignora do ser a voz da quiddidade!

17/12/84

O PROBLEMA

Não há nome, caos ou ocular ressurgimento
que se possa comparar, cúmulo, à realidade.
Tudo reveste da totalidade um pensamento,
nada se deixa filtrar, eco, pela necessidade.

Há no real haver um complexo movimento,
como se a forma retivesse da materialidade
uma ideia absurda, humana, claro sedimento
onde se perde, por infantil, a frágil verdade.

Consola-nos o truísmo, o lugar do clangor,
berrar a presença, dizer a feroz demência
onde a palavra navega e o sentido é valor.

Torna-se a língua, pelo corpo, estridência,
espaço eufórico onde a ilusão sabe a dor,
viver num mundo opaco que se diz ciência.

17/12/84

A SENSACÃO

A luz é um mal que o ser não transcende,
um inefável onde tudo é permitido, anímico
desflorar do sonho, pausa onde se ascende
ao nulo do apocalíptico, nada metonímico.

Do sol, contudo, cresce a necessidade, halo
terrível onde o homem, se se pensa, desce
ao íntimo abrigo, essa língua, esse abalo,
nervo escrito na página, nó que floresce.

Nada a fazer senão sentir o calor, a luz,
um afago misterioso, a voz intransponível
do desejo que se teme, a ustão que reduz
ao corpo a metamorfose humana do dizível.

Sente-se a vida, deplora-se a morte: oculto
zelo onde o mecanismo do mal é um insulto.

17/12/84

ÊXTASE INEXTENSO

É um estilhaço do corpo que na palavra pesa,
saber percorrer, sílaba a sílaba, o reprimido,
a força ao contrário onde o ser nulo se lesa,
fragmento revelador e final do nada contido.

Apetece, pela memória, destruir a estrutura
daquilo que, sendo história, mais parece valor,
um resto de aparência, o diapasão da loucura
onde tudo se resolve, até o deflagrar do amor.

Espaço mutável, ascensão, ritmo: argumento
inexorável da obsessão, escrever a violência,
ciciar a ardência da carne até ao sentimento,
tarefa perdida no isolamento da experiência.

Liberta-se, porém, um sentido, figura ou mosto
onde o arbitrário do homem recebe um rosto!

17/12/84

A COR E A TELA

Se da bruma desprendesse, por instantes, o cinzento,
que terra seria a palavra, que palavra diria arrebol?
Há um murmúrio, uma música, o vago esquecimento
de que tudo, mesmo a morte, necessita de um sol.

O que idealizo firo, pelo escárnio e pela ausência,
como se o real, que me envolve na língua, presente
estivesse na confusão, no caos da pura inclemência
com que revigoro, quando esgoto, a fala depascente.

Não é um suicídio, mas é algo do que fica, escrita
solta, sem pensamento, onde a angústia da memória
se dissolve em gestos verbais, cavilação inaudita,
saber genesíaco do corpo que aspira à sua história.

Assim, pois, se a cor se basta, é pelo desregramento
que se tinge a tela, o teor possível do pensamento!

17/12/84

A PAISAGEM

Insólito, depõe-se o corpo na orla da paisagem...
A letra fere, o rascunho mata, o discurso salta...
Ganha-se a soltura dos dias, a enferma voragem...
Imagem louca do espírito, a vibratilidade alta...

Terrível espectáculo, sentir que viver o momento
enuncia a derrota, mesmo se é a vária alacridade
que colhe, pelo trabalho do texto, o apagamento
telúrico da ilusão, o esgar móvel da duplicidade!

Ninguém em nenhuma coisa vive o espasmo eterno.
Todos, uns mais do que outros, sabem a resistência
da matéria ao jorrar da música, conhecem o inferno
onde a Loucura propaga o simulacro da imanência.

Mas a paisagem existe, como subsiste a liberdade.
Sentir no olhar o começo, e no fim a necessidade!

18/12/84

H A V E R

Eis ao que volto, antes ainda do recomeço:
ao tugúrio da desdita, luz e trevas, sutura
que colmata a fingida fala do arremesso
quando a língua, por afinidade, estrutura.

Não sei se mereço a dádiva do sentimento,
sei quanto almejo, quanto sofro a ausência
de quanto, por existir, foge ao pensamento,
barro telúrico onde o homem é experiência.

Mas volto, regresso, sinto a casa habitual,
como se ao Ser coubesse a lúrida solidão,
desmerecer a imagem, a palavra, o nó real
onde a possibilidade seria o possível pão.

Não há fim que me desfigure, o soneto está.
Se não diz a verdade, diz, pelo menos, que há!

18/12/84

FINALMENTE

Do caos que envolve a fovente consciência
encarrega-se a vida de esconder as aparas.
Basta-lhe as leis, as rotinas, as horas raras
onde o ser, desflorado, reproduz a ausência.

Estranho domínio, o do saber, se a exigência
instiga o olhar até ao limite, às águas claras
onde a dor de se viver encontra finas varas
cortando o corpo, a alma, a própria anuência.

Mas por mais ordem que governe os sentidos,
momentos há que soltam o caos, a confusão,
fluxível fogo onde a paz sofre um castigo.

Olha-se então o homem em espelhos partidos,
descobre-se infinito, estrangeiro, rara ustão:
em si finalmente acha o seu maior inimigo!

15/1/85

MÁSCARA

Sabe que a música é máscara ponderosa.
Por isso se perde, em instantes de clangor,
sentindo dentro de si a voz do esplendor,
riso onde do mundo colhe a ilusão ditosa.

Sabe-se humano, mas não se sente: cenosa
a imagem do homem que vive o desamor,
como uma lágrima saída do coevo torpor
onde se encontra a razão, a luz incestuosa.

Para onde vai não há possível caminho.
De onde vem a origem sabe a turbilhão.
Ficar assim, pela música, é um sarilho.

Máscara do rudimentar ritual, carinho
do corpo suado, descobre que a negação
faz da vida um inferno, um nefasto trilho.

15/1/85

DESEJO

Vida minha, confusa, em que persiste edaz
a convulsão dos sentidos, o real suasivo,
dá-me por momentos a paz, o olhar argivo
onde possa reviver a origem, o sol veraz.

Deixa-me sentir o homem, a hora pertinaz,
o êxtase em que o fora advém impressivo.
Quero ser o vivo convívio, o alcance activo
onde se possa viver um desejo perspícaz.

Cada dia que passa traça um nada pejoso.
A noite adormece como se soubesse a dor.
O destino desfaz-se em fátuo pensamento.

Não é isso o que quero, nem sentir odioso
o tempo de vida que me cabe. Desejo amor,
a percussão feraz de um novo sentimento.

15/1/85

UMA FALHA

Humilde abro os olhos para o firmamento,
uma emoção tão grande como sentir a hora,
sentir o tempo como se fosse pela demora
que o homem ganha o ser, anula o tormento.

Sinto-me tão estranhamente puro, lamento
onde a voz do século, sedutora, desflora
a alegria que possuía na origem, aurora
perdida na memória do casual pensamento.

Viver resume-se ao sentido do voo ávido.
Saber que nada dura, que tudo é perecível,
uma gota de água, um brilho no olhar claro.

Absurda vontade de permanecer, pálido
nó na garganta, ter assistido à luz tangível
como uma ausência, uma falha do rito raro.

16/1/85

ALGURES

Que medo tredo é este que desflora a hora
que deveria ser só minha? Que há no mundo
que me possa ferir com o mal de outrora?
Passo minha memória pelo segredo imundo.
Serei capaz de transformar a ustão em aurora?
Ou terei que viver sempre um vagabundo?
Que é feito de mim, da minha vida perdida?
Saberei alguma vez evitar a morte na vida?

Estou atónito de mim mesmo onde ninguém
ousa viver. O amor feraz que me dilacera
descobre no real um além e um aquém, quem
se desculpa diante do que foi e do que era?

Cenoso caminho o da humanidade em mim.
Haverá algures um começo no inefável fim?

16/1/85

ECOPRAXIA

Ilegível o mundo e indesculpável a terra
só me resta gesticular como quem berra.

Trazer à consciência fovente a anelante
desforra da sorvada desmedida do nuto,
não dizer coisa com coisa, esperar amante
que a realidade absorva o ódio absoluto.
O amor é uma etimologia algo caligante,
a dor uma companheira em pleno luto.
Cavilação extraordinária da vida edaz,
que fazer me poderá trazer alguma paz?

Soa quase a mistério o mistério da hora,
quem me vive não é mais que a imagem
do que se passa ao longo do dévio fora.
Será por isso que duvido da linguagem?

16/1/85